

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 15000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 15125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS 570) RS.
RAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL... 25000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEH SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA Nº 7

AVEIRO

14 DE JULHO

A tomada da Bastilha continuará sendo na historia o ponto de partida das epopéas da liberdade e da democracia. Não foi um throno que se desfez no glorioso dia 14 de julho de 1789. Foi mais do que isso; foi o poder inteiro da monarchia hereditaria. A cabeça de Carlos I de Inglaterra cahia decepada pelo algóz da revolução na praça de White-Hall; mas passada a maré imprevisista, o baixel dos Stuarts continuava na derrota, deslizando sereno por cima das ondas aplacadas e mansas. Depois da queda da Bastilha é que não era possível que a realza permanecesse em França. As vagas só se poderiam aplacar para mostrarem melhor a irritabilidade da origem e a extensão da sua força.

A tomada da Bastilha é o meteor que passa no ceo illuminando o mundo. O mundo vê a profundidade do abysmo! E' o primeiro marco miliario na resurreição do espirito humano. O mundo accorda! E' o primeiro grito de confraternidade que se solta e ouve. O mundo chora! «Na Russia, n'esse imperio do mysterio e do silencio, n'essa Bastilha monstruosa entre a Europa e a Asia, assim que a noticia chegou, viram-se homens de todas as nações chorando nas praças. Abraçavam-se uns aos outros exclamando: — Como não havemos de chorar de alegria, se a Bastilha acabou!» (Michelet, comte de Ségur—Memoires)

Não, a tomada da Bastilha não foi a revolução que passa ceifando a cabeça dos homens; não foi a onda do populacho ignaro, que hoje corta e amanhã colla o busto dos reis; foi a revolta da

consciencia universal contra a usurpação do direito e a negação da justiça. Não prendeu um homem; afirmou antes a sua resolução de não querer que um homem prendesse homens arbitrariamente. Não se impoz pela força que tinha; disse á força que não queria a força.

Revolução admiravel de libertação do espirito humano! O que era a Bastilha? Era a prisão do pensamento. Bemdito sejas tu, oh povo, oh sans culotte, oh misero proletario, que o libertaste no dia glorioso que a França festeja d'aqui a trez dias. Estás vingado dos insultos que vomitam diariamente sobre ti. Tu és o misero, o roto e o descalço, que libertaste ha cem annos o espirito humano! «A França corou por se ver obrigada a dizer que o crime d'um dos prisioneiros era ter fornecido um segredo importante á nossa marinha! Prenderam-n'o, com medo que o fosse dizer a outros. O mundo inteiro conhecia e odiava a Bastilha. Bastilha e tyrannia eram duas palavras synonymas em todas as linguas. Todas as nações se julgaram libertadas com a noticia da sua ruina» (Michelet—Les Grandes Journées de la Révolution)

Revolução admiravel de paz! Dir-se-hia que aquella mó de homens que coalhavam as praças e ruas de Paris iam cahir como bando de abutres sobre a preza cobicada. Não! A canalha até poupou os suíços que a fusilavam crueis. A canalha teve um unico impulso: — correr de tropel para as frias masmorras onde jaziam as victimas da córte. E cobriu-as de beijos! E molhou de lagrimas os dois loucos, que com a luz do dia haviam perdido a luz da razão! E nas suas expansões infantis ia suffocando d'affagos o velho infeliz que lhes perguntava como ia Luiz XV! Bemdita sejas, oh canalha! Tanto maior e admiravel quanto mais te cobrem de

baba os vermes rasteiros das antecamaras burocraticas e burquezas! Só tu impelles o mundo na estrada radiante da civilisação e do progresso.

Revolução admiravel de amor! Os suíços tinham sido barbaros. Já haviam fusilado 83 homens e ferido 88. A cholera popular, em face d'essas barbaridades, crescia e respirava vingança. Portanto com a hora do triumpho chegou a hora em que se esperavam represalias terriveis. O momento era critico, quando Elie, o sympathico campeão das massas, exclamou para o povo, mostrando-lhe os filhos dos vencidos: — «Perdão para estas creanças! Perdão! Ougâmos agora um dos maiores escriptores contemporaneos.

«Verieis então aquelles rostos queimados do sol, aquellas mãos ennegrecidas de polvora, começar-se a lavar de grossas lagrimas, que cahiam como grandes gotas de chuva depois da tempestade... Não se tratou mais de justiça, nem de vingança. O tribunal levantou a sessão. Elie vencerá os vencedores da Bastilha. Fizeram jurar aos prisioneiros fidelidade á nação e levaram-nos consigo; os invalidos foram pacificamente para o seu quartel; os guardas francezes levaram os suíços, alojaram-nos nos seus proprios quartéis, onde lhes deram de comer e dormir.»

Bemdito sejas, oh povo! Só tu tens d'essas grandes manifestações de perdão.

Grandioso dia na historia da humanidade! Para remate, só achâmos dignas as palavras de Michelet:

«Salvaram-te, oh França! Salvaram-te, mundo! Vejo no céo o clarão porque suspirava ha tanto, o clarão de Jeanne d'Arc... Que me importa que, de donzella, se tornasse mancebo! Que me importa que se chame Hoche, Marceau, Joubert ou Kléber!

Grande época, momento sublime, em que os maiores guerreiros são homens de paz! Em que o Direito, que tanto se chorava, se encontra por fim! Em que o Perdão, cujo nome serviu á tyrannia para nos martyrisar, apparece identico e analogo á justiça!»

A POLITICA DA TERRA

I

Não vamos defender principios, nem discutir esta ou aquella individualidade. Não vamos atacar capitães mores para exaltar ou para adular o povo. Vamos-nos apenas divertir, que outra cousa não pode nem deve fazer quem se preza de seriedade, n'uma terra em que os principios se resumem n'uma serie continua de torpes especulações, de baixa intriga, de transigencias revoltantes. N'uma terra em que o povo é a alimaria mais perigosa que se conhece por esse mundo fóra, coberta de mataduras da albarda que lhe collocaram no lombo os altos figurões, mas sempre prompta a escoucear quem, por caridade, lh'a quize uma vez ou outra alliviar. N'uma terra que, na phrase caustica mas profundamente verdadeira d'um homem serio e perspicaz, que lhe ouvimos n'um momento de profundo tedio, é um *montão de miserias com um montão de miseraveis*. Sim, um montão de miserias com um montão de miseraveis, salvas honrosas mas poucas excepções! E' isso mesmo.

Indifferentes, pois, aos miseraveis e ás miserias, vamos-nos rir da raiva concentrada dos nossos arlequins de feira. Não perdoam, não toleram o riso caustico e sardonico d'um João Ninguem mephistophelico, que ninguém sabe quem é, d'onde vem

para onde vae e o que quer? E' isso, é isso que nos alegra! E' isso que nós queremos. O que nos importa a politica d'Aveiro? Não queremos fazer politica, por que para fazermos politica n'esta terra teriamos de ser torpes. Nunca! Teriamos de calar as vossas podridões. Nunca! Teriamos de transigir com a vossa insolencia de insignificantes, as vossas especulações *desbarretadas*, os vossos egoismos repellentes, os vossos odios de penacho. Nunca! Nunca e nunca. Ficae-o sabendo para sempre. Porque temos consciencia, porque temos noções altas de justiça, apenas pretendemos demonstrar-vos que surgem ás vezes na floresta arvoredas que parecendo enfezadas ao nascer, chegam com o tempo a affrontar impavidas, a encarar serenas, sem vergar, sorrindo-se nas suas folhas verdes e minoas, o bater dos ventos, o desencadear da tempestade. Assim nós vos declaramos guerra de morte até á morte. E cumprir-se-ha o juramento.

Politica, para quê? Quando houve politica n'esta terra em que cada um tem procurado unicamente servir os seus interesses, a sua vaidade, os seus compromissos de corrilho? Quando houve aqui o intuito de servir qualquer causa doutrinaria, ou de concorrer para o engrandecimento da patria a par do engrandecimento material da localidade? Quando o *Campeão do Vouga* cahia a fundo sobre o grande José Estevão e o tratava com menos consideração de que trataria o Inverno ou o Silverinho das Flautas? Quando os *lords*, os *pelotes*, os *grandes*, mendigavam de porta em porta o voto da besta popular para o sr. Manuel Firmino contra o mais famoso orador do mundo n'esse tempo? Ficastes deshonrados desde então, vós todos das alturas e vós todos do ignaro populacho. A vós proprios

POLHETIM

1789

I

A BASTILHA ANTES DE 89—LATUDE

(Os jesuitas dirigem a Bastilha.—As ordens de prisão.—A Bastilha foi a prisão do pensamento.—O seu regimen agrava-se cada vez mais.—Como se ficava esquecido na Bastilha.—Questão de Latude.—Os philanthropos chamam a sua sorte, mas não fazem nada.—Madame Legros empreheende salva-lo.—A sua coragem e a sua obstinação.—O rei recusa.—Madame Legros persiste.—O rei cede)

O medico de Luiz XV e de madame de Pempadour, o illustre Quesnay, que vivia com ella em Versailles perturbouse um dia ao ver o rei entrar inesperamente. A espirituosa camarista, madame du Haussset, que nos deixou as suas curiosissimas memorias, perguntou-lhe porque era que se desconcertava assim. «Madame, respondeu elle, quando vejo o Rei, lembro-me sempre de que é um

homem que me pode mandar cortar a cabeça quando queira. — Oh! replicou ella, o Rei é muito bom!»

A camarista resumia n'aquellas duas palavras as garantias monarchicas. O Rei era muito bom para mandar cortar a cabeça a um homem; já não era dos costumes da epocha. Mas podia com uma palavra só encerra-lo na Bastilha e deixa-lo lá ficar para sempre. Resta saber qual valia mais, se morrer de um golpe, se morrer lentamente em trinta ou quarenta annos.

Havia em França umas vinte Bastilhas, das quaes só seis continham uns trezentos prisioneiros em 1775. Em Paris, em 1779, havia umas trinta prisões, onde se podia ser encerrado sem julgamento. Alem d'isso serviam de supplemento a estas Bastilhas uma infinidade de conventos.

Todas estas prisões do Estado foram, nos fins do reinado de Luiz XIV, como tudo o mais, governadas por jesuitas. Converteram-se nas suas mãos em instrumentos de supplicio, para os protestantes e para os jansenistas, e em centros de conversão. Envolviam-os um silencio mais profundo que o dos *chumbos*, que o dos *poços* de Veneza, e o esquecimento dos tumulos. Os jesuitas eram confesores da Bastilha e de muitas outras prisões; os prisioneiros mortos eram enterrados com nomes suppositos nas suas egrejas. Exerciam todos os meios de terror, sobretudo esses calaboucos imundos e horriveis d'onde os desgraçados sahiam ás vezes sem o na-

riz ou sem as orelhas devoradas pelos ratos.

O intendente da policia ia ás vezes almoçar á Bastilha. Limitava-se a essa visita a vigilancia d'aquelle magistrado. Ficava sem saber nada e no entanto era elle o unico a instruir o ministro. Uma familia, uma dynastia, Châteauneuf e seu filho la Vrillière e seu neto Saint Florentin (fallecido em 1777) superintenderam durante um seculo nas prisões do estado e dispozeram á vontade das ordens de prisão (lettres de cachet). Para que essa dynastia subsistisse era necessario prisioneiros: quando os protestantes sahiram substituiram-nos pelos jansenistas, depois pelos litteratos, pelos philosophos, pelos Voltaires, os Frérets e Diderot. O ministro dava generosamente ordens de prisão, em branco, aos intendentes, aos bispos, ás pessoas d'alta gerarchia. A elle só, Saint-Florentin, deram 50:000.

E tudo isto por bondade. O Rei era muito bom para recusar uma ordem de prisão a um grande senhor. O intendente era muito amavel para não as conceder a uma dama que lh'as pedisse. Os empregados do ministerio, os seus amigos, por delicadeza, por attenção, por deverem favores a este ou aquelle, obtinham, davam, pediam estas ordens terriveis que faziam com que um homem ficasse enterrado vivo para sempre. Enterrado, porque tal era a incuria, a leviandade d'estes empregados amáveis, nobres quasi todos, passos da sociedade, que, absorvidos em vontades, não

tinham tempo para tornar a pensar no pobre diabo que era fechado n'uma prisão.

A Bastilha, a ordem de prisão, era a excomunhão do rei.

O excomungado morria? Não, que isso seria doloroso para o coração sensivel de sua magestade. O rei não era capaz de mandar matar um homem. Ha um meio termo entre a existencia livre e o sepulchro: — uma vida morta, solitaria, enterrada. Organisa-se de proposito um mundo para o esquecimento, com a mentira ás portas, com a mentira por dentro e por fóra, para que a vida e a morte fiquem sempre incertas... «Minha mulher, o que é feito de minha mulher? — Tua mulher morreu... minto... tua mulher casou-se outra vez... — E os meus amigos, ainda vivem? Lembra-se de mim?... — Os teus amigos, desvalrado, foram elles que te trahiram...» E d'este modo a alma do miseravel, entregue aos seus desvarios ferozes, nutria-se de desillusões, de punhaladas e mentiras.

Esquecido! Palavra terrivel. Um espirito que morre para os espiritos dos outros!... Pois aquelle que Deus fez para a vida, não tinha sequer o direito de viver no pensamento? E nem ousa, na terra, dar mesmo ao mais culpado essa morte alem de toda a morte, a morte na recordação dos homens?

Mas não, não o acrediteis. Nada se esquece, nem homem, nem cousa. Aquillo que existiu uma vez não se pode aniquillar assim... Nem os proprios mortos se esquecerão, e o solo será cumpli-

ce, transmittirá sons e ruidos; o ar não se esquecerá; d'essa pequena trapeira, em que se debruça uma pobre rapariga, viu-se e comprehendeu-se... Que digo eu? A propria Bastilha se sensibilisará. Esse ruído chaveiro ainda é um homem. Eu vejo inscripto nos muros o hymno d'um prisioneiro á gloria d'um carcereiro benfeitor... Pobre benfeitor!... Uma camisa que elle deu a esse Lazaro, barbaramente abandonado, comido de vermes no seu tumulo!

Todas as prisões se tinham suavizado. Só a Bastilha se tinha endurecido! De reinado para reinado diminuia-se o que os carcereiros chamavam por troça: — as liberdades da Bastilha. Pouco a pouco tapavam-se as janellas, apertavam-se as grades. No tempo de Luiz XVI, supprimiu-se o jardim e o passeio das torras.

Doas cousas augmentaram, n'essa epocha, a irritação do publico: — as memorias de Linguet, que deram a conhecer o interior feroz e ignobil da prisão, e, o que foi mais decisivo, o negocio de Latude, não escripto, não impresso, mas circulando de bocca em bocca mysteriosamente.

Pelo que me toca, confesso o effeito profundo e cruel que me produziram as cartas do prisioneiro. Inimigo declarado das fições barbaras sobre a eternidade das penas, surpreendi-me a pedir a Deus um inferno para os tyrannos.

Para sua desgraça, Latude era um homem ardente e terrivel, que nada podia dominar, com uma voz que abalava

vos definistes um bando quando derrotastes n'umas celebres eleições o mais famoso, o mais honrado, o mais puro dos aveirenses. Um infeliz, que em troca do seu amor ardente por tantos ideaes e tanta cousa não recebeu senão os couces da besta popular da sua terra! Um infeliz, a quem não tiveram pejo de vender a casa em que nasceu e não sabemos se as proprias camisas que vestiu!

Bando fostes, bando sois, bando sereis. Enquanto o perpassar dos annos não deixar essa macula como uma vaga reminiscencia na memoria de nossos fillos, haiveis de caminhar vergados ao pezo da maldição da historia, sem auctoridade, sem prestigio, sem força, sem respeito, como o judeu errante da fabula christã. Só podeis ser tratados assim:—com um riso dilacerante, que vos sirva de punhal.

Rir-nos-hemos.

A QUESTÃO DA IRLANDA

O telegrapho não nos traz simplesmente a noticia da derrota de Gladstone, esse velho glorioso que sacrificou a um principio de altissima justiça as suas commodidades e grandezas de estadista realengo. Traz-nos a noticia de um acontecimento d'ultra-importancia:—de que principiou para a Inglaterra a hora das duras provações, das suas maiores difficuldades, de que pode muito bem originar-se a queda definitiva d'aquelle grandissimo colosso. O projecto de Gladstone não era simplesmente grande como obra de justiça, de reabilitação, de consciencia; era grande sobretudo, para a Inglaterra, como obra de homogeneidade nacional.

A Inglaterra acaba de repellir a Irlanda definitivamente, acaba de consumir na urna o attentado d'uns poucos de seculos. Pois bem; essa Inglaterra, que nunca foi capaz de eliminar em centos d'annos de chicote, de força, de confiscos, de guerras, de deportações, o sentimento nacional dos irlandezes, acaba tambem n'este momento de erguer contra si como um só homem uns poucos de milhões de cidadãos. Até aqui estavam só na brecha da revolução os exaltados; os outros, os da *liga agraria*, os parnellistas, que formavam o maior numero, confiavam ainda na evolução. E hoje? Hoje ha só fenianos; os parnellistas acabaram-se. Hoje ha um unico recurso:—a dynamite e o punhal.

Contae com elles, inglezes activos e cruéis! Contae com a dynamite da Irlanda, que vos fará saltar os vossos palacios, os vossos edificios publicos, a vossa esquadra, e contae tambem com

as paredes, espirito e audacia invenciveis. Co'po de ferro, indestructivel, que devia cançar todas as prisões, a Bastilha, Vincennes, Charenton, até se tornar o terror de Bicêtre, onde qualquer outro teria morrido.

O que torna a accusação poderosa, indiscutivel, sem appello é ter esse homem fugido duas vezes e de ambas ellas se ter entregado. Uma vez escreveu ao seu refugio a madame de Pompadour, que o mandou novamente prender. D'outra vez foi a Versailles, quiz falar ao rei, chegou até á ante-câmara, onde ella o fez novamente prender. Já nem o aposento do rei era sagrado!

Sou desgraçadamente obrigado a dizer que n'aquella sociedade efeminada, fraca, caduca, houve muitos philanthropos, ministros, magistrados, grandes senhores para chorar sobre a aventura; mas nenhum fez nada. Chorou Malesherbes, chorou Gourgues, Lamoignon e Rohan.

Entretanto continuava elle no monturo de Bicêtre, comido de piolhos, deitado no chão, muitas vezes arquejante de fome. Ainda dirigiu uma memoria a qualquer philanthropo, por intermedio d'um guarda embriagado. Felizmente este perdeu-a; encontrou-a uma mulher. Leu-a, estremeceu e não chorou; mas poz-se á obra immediatamente.

Madame Legros era uma pobre capellista que vivia do seu trabalho no estabelecimento; seu marido era repetidor de latim. Não recebeu envolver-se na terrivel questão. Viu, com firme bom

Russia vigilante que só espera ha muito o momento adequado de vos invadir o vosso decantado imperio asiatico. O momento chegou; quer dizer, chegou a hora da justiça.

Como a questão é palpitante, começaremos no proximo numero a explicar o estado social e agricola da Irlanda.

Carta de Lisboa

9 de julho.

As questiunculhas da imprensa vão provocando o tédio de toda a gente. O sr. Marianno de Carvalho está dando a ultima nota do seu *systema* jornalístico. Sendo aliás talentoso, o sr. ministro da fazenda não conhece nem nunca conheceu outro meio de atacar os adversarios senão injuriando-os e calunniando-os por todas as formas e feitios. E chama-se áquillo habilidade jornalística! Habilidade que possuem todos os garotos, todas as regateiras e todas as meretrizes. Habilidade que peza porque os adversarios são tão garotos como elle e o meio em que todos chafurdam da ultima degradação e canalhice. O que mais descompõe, o mais reles no vocabulario, o mais persistente na calunnia é o mais habil! Só em Portugal é que se vê isto. Só aqui é que um jornalista poderia adquirir reputação de *grande* á força de trapaceiro, de calunniador e vil.

As historias do lobo sarapintado, do homem do especto e do Olympio são quanto basta para nos dar a altura do sr. Marianno de Carvalho e de toda a gente que o cerca. E ao mesmo tempo é quanto tem bastado para comprometter seriamente o ministerio, que se apresentou com isso a toda a gente seria, que ainda é muita felizmente, como um ministerio de gaiatos e nada mais. Ora não nos parece que seja grande habilidade jornalística conseguir *tamanho* resultado!

O que é isso do lobo sarapintado? Uma trica miseravel do ministro da fazenda? Quiz convencer o publico de que os republicanos tinham comprado varios individuos para as arruaças da municipal e no fim de contas só provou que se alguem os comprou foi o governo. Ou pelo menos provou que o governo desceu a manobras pouco dignas para lançar esse labeu sobre os republicanos. E um ministerio, que se envolve em taes artimanhas e miserias, perdeu a seriedade para todos os actos de governo. E' indigno da alta missão que exerce na sociedade portugueza. Nem respeitou o decoro, que compete a cada um dos seus membros como homens, nem o decoro de magistrados, o decoro do poder. Um vendilhão da praça da Figueira

senso, o que os outros não viam ou não queriam ver: que o desgraçado não era louco mas victima d'uma necessidade terrivel do governo, obrigado a occultar, a continuar a infancia das suas velhas faltas. Viu-o, e não se assustou nem desanimou com isso. Não ha heroismo mais completo: teve a audacia do empreendimento, a força de perseverar, a obstinação do sacrificio de cada dia e de cada hora, a coragem de desprezar ameaças, a sagacidade e todas as santas astucias, para afastar e confundir as calumnias dos tyrannos.

Tres annos a fio proseguiu o seu fim com uma teimosia incrível no bem, empregando para conquistar o direito e a justiça, aquella aspereza singular do caçador ou do jogador, que geralmente só empregamos nas nossas más paixões.

Todas as desgraças no caminho e ella sem hesitar. Morre-lhe o pae e a mãe; perde o seu pequeno commercio; é censurada pelos seus parentes, que vilmente desconfiam da sua conducta. Perguntam-lhe se é amante d'esse prisioneiro por quem tanto se interessa. Amante d'uma sombra, de um cadaver, devorado pela sarna e pelos vermes!

A tentação das tentações, o cume, a ponta aguda do Calvario, são as queixas, as injustiças, as desconfianças d'aquelle por quem se cança e sacrifica!

Grande espectáculo ver essa pobre mulher, mal vestida, que vai de porta em porta, fazendo a corte aos creados para entrar nos palacios, para advogar

nunca pode sêr ministro sem arrastar pelas immundicies, em que vive, o que existe de mais sagrado para um povo.

O que fez o lobo? Chamou dois individuos para que declarassem que o governo os tinha pretendido comprar para entrarem nas arruaças da municipal, diz o sr. Marianno de Carvalho. E elles que responderam? Responderam que sim ao lobo, mas em lugar de fazerem exactamente o que elle queria, foram denunciar a manobra ao sr. Marianno de Carvalho. O que prova só que o ministro da fazenda estava, pelo menos, na intimidade porca d'esses individuos. Sim, porque não foi por zelo partidario que elles lhe levaram a denuncia. Se fossem homens serios não ia o lobo fazer-lhes tal proposta, nem elles fingiam accetá-la, antes o correriam com um cacete, nem a iriam levar depois ao sr. Marianno de Carvalho para não verem os seus nomes envolvidos n'uma porquissima questão. Eram, pois, individuos ás ordens do governo. E se estavam ás ordens do goveno, por que se não haviam de envolver de facto nas arruaças da municipal? Eis ahi o que o *grande jornalista* conseguia. Provar que o governo tem ás ordens os peiores malandrinhs de Lisboa e dar-nos cem probabilidades contra uma de que foi elle que provocou as arruaças da municipal para desacreditar os adversarios como, dizem os republicanos. E' o que todo o mundo tem deprehendido das ridiculas historietas com que o *Diario Popular* tem enojado os seus leitores.

Posto isto, não vejo motivo para os jornaes republicanos terem tomado a cousa tanto a peito e desatorem á descompostura no protagonista da comedia, o sr. Moreira Lobo. Em duas pennadas desfaziam a manobra Marianno sem necessidade de investir tão duramente com um homem que andou, de facto, toamente em tudo isto, mas de boa fé. O sr. Moreira Lobo, alem de inhabil, praticou a inconveniencia de descer a tratar com uma reles malandragem. Mas d'ahi até sêr considerado a par dos agentes pulhas do ministerio vae sua differença. E os jornaes republicanos de Lisboa não fizeram outra cousa. Trataram da mesma forma um republicano, que tem prestado serviços á causa e que me não consta sêr indigno e o *escroc* do Teixeira. Que sirva tudo de lição ao sr. Moreira Lobo.

A historia do homem do especto é identica e continua a demonstrar a habilidade dos campeões da granja. Deram o figurão como um grande republicano e averiguada a cousa sahio-nos um grande progressista. Logo o governo, logo o sr. Marianno sabia das suas proezas e especulava com o malandrim.

a sua causa perante os grandes e pedir-lhes apoio.

A policia treme e indigna-se. Madame Legros pode ser arrebatada d'um momento para o outro, presa, perdida para sempre; todo o mundo a adverte. O intendente da policia chama-a e ameaça-a. Mas encontra-a inhabalavel, firme; é ella que o faz tremer.

Por felicidade obtem-lhe o auxilio de madame Duchesne, camarista de Mesdames. Parte para Versailles, a pé, em pleno inverno, gravida de sete meses... A protectora estava ausente; corre atraz d'ella, adquire uma *entorse* sem que por isso corra menos. Madame Duchesne chora muito; mas que ha de fazer? Uma dama do Paço contra dois ou tres ministros! A partida era bem desigual. Um abbade que passa arranca-lhe das mãos o memorial, exclamando que se trata d'um miseravel.

Bastava uma palavra d'estas para incutir calafrios em Maria Antoinette, a quem se havia falado no negocio. Por conseguinte, tambem por esse lado ficavam perdidas as esperanças.

Como não havia em França homem melhor de que o rei foi-se ter, por ultimo, com o rei. O cardeal de Rohan (um libertino, mas caridoso no fundo) falou tres vezes a Luiz XVI, que por tres vezes recusou. Luiz XVI era muito bom para não acreditar em Sartine e nem por Sartine ter chido do poder havia motivo para o deshonrar, para o entregar aos seus inimigos. E Sartine á parte, Luiz XVI amava a Bastilha, cuja re-

A accusação dirigida ao sr. Magalhães Lima de convivencia entre este individuo e um tal Olympio da Silva não é menos pulha, e por conseguinte menos gloriosa para o sr. Marianno de Carvalho. O sr. Magalhães Lima hospedou-se um dia, quando era bohemio, quando vinha de Coimbra, em casa do tal Olympio da Silva. Não se hospedou só, viviam lá outros individuos. A casa era das chamadas casas de hospedes, todas ellas insupportaveis e por onde a necessidade, isto é a falta de familia e outras commodidades que os rapazes não possuem, nos tem feito andar a todos nós. Não ficou devendo nada á tal *hospedaria*; pagou pontualmente enquanto lhe conveio estar por lá. Mas eis que o sr. Marianno de Carvalho descobre que o dito Olympio da Silva é um jaquina, um fajardete e aqui d'el-rei que tambem o é o sr. Magalhães Lima, porque esteve um dia hospedado em casa d'elle! Ora isto só com quatro chicotadas. E tudo quanto se tem passado e dito por ahi, desde a historia do lobo até esta historietta do Olympio, se desse com um homem *tezo* já estava resolvido ha muito tempo... a chicote.

Ahi fica a *grande habilidade* do *grande jornalista*. Não; quem desce a taes degradações, não é jornalista habil nem inhabil. E' garoto, simplesmente.

—Affirma-se que será decretada par a semana a reforma administrativa em dictadura. Veremos. O que é certo é que o rei não tem estado muito resolvido a conceder a dictadura aos progressistas. Já por tres vezes lh'a pediram e o rei por tres vezes respondeu:—veremos. Veremos, pois. Mas é provavel que lh'a conceda á quarta vez, se a não concedeu ainda a estas horas.

—A sabida do sr. visconde de S. Januario é negocio decidido. A difficuldade tem estado unicamente na substituição. O sr. Marianno de Carvalho quer para ministro da guerra o sr. Thomaz Frederico Pereira Bastos, alma damnada do *illustre* ministro da fazenda. Mas como os outros ministros odeiam tanto o sr. Marianno como o sr. Marianno odeia todos elles, e como não querem que se alastre em influencia e importancia, oppõem-se tenazmente á entrada no ministerio do faccioso correspondente do *Primeiro de Janeiro*. Para evitar rixas e difficuldades, tem-se instalado vivamente com o sr. João Chrysostomo de Abreu e Sousa para que accete a pasta daguerra. Mas o sr. João Chrysostomo não se quer deshonrar com o celeberrimo José Paulino por comandante da 1.ª divisão, o José Paulino a quem elle poz a calva á mostra. Que fazer? Nada. O rei quer o sr. José Paulino na 1.ª di-

putação não queria perder, nem mesmo prejudicar.

O rei era muito humanitario. Tinha suprimido as baixas masmorras de Chatelet, tinha suprimido Vincennes, tinha creado a Force para os presos por dividas a fim de os separar dos ladrões.

Mas a Bastilha! a Bastilha! era um velho servo que a monarchia não podia maltratar levemente. Era um systema de terror, era, na expressão de Tacito:—*Instrumentum regni*.

Quando o conde d'Artois e a rainha, querendo fazer representar o *Figaro*, lh'o leram, elle disse só, como objecção sem resposta:—*Então seria preciso suprimir a Bastilha!*

Quando rebentou a revolução de Paris, em julho de 83, o rei, assás indifferente e indeciso, pareceu querer-se collocar ao lado d'ella. Mas quando lhe disseram que a municipalidade parisiense tinha mandado demolir a Bastilha, sentiu-se como que fulminado por um raio: «Ah! exclamou, isso é muito!»

Portanto não podia receber bem em 1781 um requerimento que a compromettesse. Repelliu o que Rohan lhe apresentava em favor de Latude. Mulheres d'alta classe insistiram, todavia. Fez então conscienciosamente um estudo do negocio, leu todos os papeis; não havia outros senão os da policia, os das pessoas interessadas em conservar a victima presa até á morte. Respondeu definitivamente que era um homem perigoso; que *nunca* lhe poderia conceder a liberdade.

visão e o rei não só *quer*, como pode e manda.

—As cartas do sr. O'iveira Martins, publicadas na *Provincia*, vão dando que falar. Antes de mais nada, para que se publicaram essas cartas? O sr. Oliveira Martins quiz mostrar o seu despreendimento e a sua abnegação? Ou quiz disfarçar alguma conspiração secreta, que o expulsou do ministerio? No primeiro caso não foi nada modesto. A sua abnegação é demasiadamente conhecida desde que passou de socialista a progressista... realista. No segundo caso foi inhabil, porque não disfarçou a conspiração de modo que não deixasse patente o seu despeito, nem provocasse maior desejo de vindicta entre os conspiradores. Entretanto o mais importante do negocio das cartas não está ahi. O gabinete julgava ou não julgava a criação do ministerio da agricultura indispensavel? Se julgava, para que desistiu de o crear deante da recusa d'um homem? Se não julgava, para que o offereceu ao sr. Oliveira Martins, para que tentou sobrecarregar o paiz com essa despeza? Ou era indispensavel, ou não era. Se era, é extraordinario que só houvesse o sr. Oliveira Martins capaz de ser ministro da agricultura. Se não era, o gabinete tornou-se reu de lesadignidade e economia pretendendo crear um ministerio para contentar um homem. Eis por onde se pode apertar o gabinete até o esmagar e eis o que nós ainda não vimos fazer a ninguém.

Y.

NOTICIARIO

Na impossibilidade de fazermos pelo correio toda a cobrança das assignaturas, pedimos o obsequio de nos remetterem os seus debitos os srs. assignantes residentes nas localidades onde o correio não cobra.

O sr. administrador do concelho mandou affixar editaes, prohibindo os exercicios natatorios aos individuos em estado de nudez, desde as pyramides e mata-douro até ao Cojo, bem como nos sitios proximos ás estradas marginaes, sob pena de serem prezos os transgressores e entregues ao poder judicial.

Louvámos.

No proximo domingo teremos espectaculo no theatro Aveirense por uma *troupe* de amadores d'esta cidade. Levam á scena um drama, escripto por um nosso conterraneo, e uma comedia.

Não ha venda de bilhetes, visto que todos os lugares são distribuidos particularmente.

Nunca! Qualquer outro ficaria n'essa ultima resposta. Pois bem, o que se não faz pelo rei, faz-se, apesar do rei. Madame Legros persiste. E' acolhida pelos Condé, sempre descontentes e subordinados; acolhida pelo joven duque d'Orléans e pela sua sensivel esposa, a filha do bom Pent hièvre; acolhida pelos philosophos, pelo marquez de Condorcet, secretario perpetuo da Academia das sciencias, por Dupaty, Villette, quasi genro de Voltaire, etc. etc.

A opinião vae-se indignando, a onda vae crescendo. Necker tinha expulso Sartine; o seu amigo e successor, Lenoir, tinha cahido por sua vez... A perseverança triumphará por fim. Latude obsta-se em viver e madame Legros obsta-se em libertar Latude.

O homem da rainha, Breteuil, permitte á Academia que dê o premio da virtude a madame Legros, com a condição de não implicarem com a corôa.

Depois, em 1784, arranca-se a Luiz XVI a liberdade de Latude. E passadas algumas semanas, a estranha e esquisita ordenança que prohibe aos intendentes prender qualquer individuo, a requisição da familia, a não ser por *motivo explicito*, e intimando-os a *indicar o tempo preciso da detenção* requerida. Isto é, desvendava-se a profundidade do monstruoso abysmo do arbitrario em que se tinha conservado a França. Ella já sabia ha muito, mas o governo ainda lhe disse mais.

(Continúa)

MICHELET.

Num dos intervallos do espectáculo haverá uma surpresa, original, em que os *protagonistas* colherão... palmas. Estamos certos de nenhum dos espectadores deixará de applaudir.

O cholera recrudescer com intensidade na Italia, mas nem por isso tratamos de nos limpar.

Quando a epidemia se desenvolveu no Egypto não faltaram receios, e todavia achava-se a uma enorme distancia de Portugal. Agora que está mais perto, ninguém se preocupa com isso.

Vamos sempre registando estes desmazellos. Mas oxalá que não tenhamos oportunidade mais solenne para os lançar em rosto a quem podia e não quiz evitalos.

O jury dos exames que devem effectuar-se no lyceu nacional d'esta cidade é assim composto:

Para exames de classe.— *Portuguez*:— Dr. José Braz de Mendonça Furtado, lente da universidade; Alvaro de Moura Coutinho Almeida d'Eça, professor do lyceu de Aveiro; João do Amaral Leitão, professor do lyceu de Coimbra.

Francês:— Dr. José Braz de Mendonça Furtado, lente da universidade; José Rodrigues Soares, professor do lyceu de Aveiro; José Manuel de Carvalho, professor do lyceu de Vizeu.

Aritmética:— João Braz de Oliveira Junior, professor da escola naval; Manuel Gonçalves de Figueiredo, professor do lyceu de Aveiro; José Lopes Ferreira dos Santos, professor do seminário diocesano de Vizeu.

Desenho:— João Braz de Oliveira Junior, professor da escola naval; João da Maia Romão, professor do lyceu de Aveiro; José Lopes Ferreira dos Santos, professor do seminário diocesano de Vizeu.

Latim:— Dr. José Braz de Mendonça Furtado, lente da universidade; Abilio Cesar Henriques de Aguiar, professor do lyceu de Coimbra.

Historia e geographia:— Dr. José Braz de Mendonça Furtado, lente da universidade; dr. Raymundo da Silva Mota, idem; João José Pereira de Sousa e Sá, professor do lyceu de Aveiro.

Legislação:— Dr. José Braz de Mendonça Furtado, lente da universidade; João Maria de Almeida e Moura, professor do lyceu de Aveiro; Manuel Messias Mendes Fragoso, professor do lyceu de Braga.

Introdução:— Dr. Raymundo da Silva Mota, lente da universidade; Elias Fernandes Pereira, professor do lyceu de Aveiro; Manuel Justino de Azevedo, professor do lyceu de Coimbra.

Para exames finais.— *Francês*:— Dr. José Braz de Mendonça Furtado, lente da universidade; José Manuel de Carvalho, professor do lyceu de Vizeu; José Lopes Ferreira dos Santos, professor do seminário diocesano de Vizeu.

Desenho:— João Braz de Oliveira Junior, professor da escola naval; Manuel Justino de Azevedo, professor do lyceu de Coimbra; José Lopes Ferreira dos Santos, professor do seminário diocesano de Vizeu.

Latim:— Dr. José Braz de Mendonça Furtado, lente da universidade; João do Amaral Leitão, professor do lyceu de Coimbra; José Lopes Ferreira dos Santos, professor do seminário diocesano de Vizeu.

A trovoadas que na tarde de domingo ultimo circunvou esta cidade fez muitos estragos em diversos sitios do districto. O ribombo do trovão foi em algumas partes acompanhado d'um cyclone que arrancou bastantes arvores.

Sobre a torre da igreja da freguezia de Espinhel cahiu uma faisca que despedaçou o relógio e esmagou algumas pedras grandes da mesma torre; entrou na egre-

ja e desapareceram na capella onde se acha a pia do baptismo.

Na mesma freguezia cairam diversas outras faiscas que não causaram desgraças pessoas, apenas quebraram alguns pinheiros, debaixo de um dos quaes poucos minutos antes se tinham abrigado algumas mulheres.

Na Palhaça um grande pinheiro recebeu simultaneamente duas faiscas, que o despedaçaram, arrojando pedradas lascas de madeira a grandes distancias.

Vagou em Vagos a cadeira de instrucção primaria. Só passados 4 meses é que foi posto a concurso pela camara, depois de alguém ter gasto muito papel selado em requerimentos ao governador civil. Posta a cadeira a concurso, requereu Pompilio Franco, habilitado com o curso da Escola Normal, para ser provido; mas a camara que estava comprometida a dar a cadeira a um *reverendo*, mandou dizer ao pae d'aquelle professor que se não obrigasse o filho a desistir do concurso, seria demittido do lugar de thesoureiro da camara, lugar que ha 22 annos desempenha com toda a proficiencia e honradez. Como este não accedesse ás exigencias da camara, foi realmente demittido em sessão de 19 de junho ultimo.

Bravissimo!!
Pois, amigos de Vagos, ninguém vos obriga a escolher para vos governar um *Bonga* ou um *Lata Orça*; tende juizo para a outra vez.

O correspondente em Braga, da *Discussão* trata n'uma das suas ultimas cartas, d'um novo crime jesuitico, perpetrado n'uma menina que um patife de tonsura arremessou para o inferno d'um covil denominado de— S. Domingos da Tamanca, d'aquella cidade.

A victima pôde escapar-se do coio, mas falleceu pouco depois. Já não nos cançaremos em pedir providencias.

Segundo as «Novidades», foi expedida uma portaria mandando que a companhia real dos caminhos de ferro portuguezes modifique as suas tarifas, de modo que as mercadorias e passageiros com destino á Pampilhosa paguem só o caminho realmente percorrido até essa estação.

«Até agora, tem subsistido o abuso de se exigir pagamento de tarifas, para as mercadorias e passageiros com aquelle destino, como se fossem para as estações de Souzellas e de Coimbra nos comboios ascendentes; isto com o fundamento de não pertencer a estação da Pampilhosa á companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, e sim á companhia da Beira-Alta».

A medida é, pois, louvavel.

Os presos arrombaram a cadeia de Villa Nova de Famalicão, deixando uma carta para o delegado nos seguintes termos, a qual não deixa de ter graça:

«Já que não dá andamento ao processo, nem trata de nos remover d'aqui, vamos dar um passeio e voltaremos depois.»

Como não disseram o dia em que voltavam tratou-se immediatamente de lhes dar caça; mas ainda não appareceram.

Da Bairrada escreve no *Comercio do Porto* o nosso prezado amigo sr. Albano Coutinho, as seguintes desoladoras noticias:

«A phylloxera caminha a passos agigantados. O concelho de Anadia tem nodos importantes e os proprietarios continuam de braços cruzados.

«Hoje fazem mais alguma coisa: lamentam-se e começam a encher-se de desanimo. Mas quando se lhes falla no emprego do sulfureto e dos adubos para tornar menos ruinosa a inevitavel crise que nos bate á porta, quando se lhes aponta o exemplo do

posto de Orta sustentado pelo governo, e onde se conhece a efficacia de um tratamento cuidadoso applicado a uma vinha phylloxerada, se não desdenham, dão-se uns ares de incredulidade que contrastam singularmente com os factos e com as providencias que todos os dias vemos apontadas em outras zonas vinícolas de não menos importancia do que a Bairrada.

«No concelho da Mealhada são mais notaveis as manchas e mais largos os focos phylloxericos, o que é natural pela proximidade de Souzellas, onde a invasão toma proporções assustadoras. Em Cantanhede, districto de Coimbra, mas que tambem tem uma zona pertencente á circumscripção da Bairrada, existem igualmente muitos focos phylloxericos, sendo de crer que ainda este mez se proceda a uma inspecção parcial solicitada pelo digno presidente da camara d'aquelle concelho. Só em Oliveira do Bairro, onde começou ha dias a inspecção por conta do governo, é que não se deu ainda pela existencia de nenhum foco. Os vinhos d'aquelle concelho são, todavia, os menos procurados para exportação.

«Por este breve esboço fica conhecida a situação vinicola da Bairrada, e só quem não quizer ligar a minima importancia á sorte d'esta localidade, é que poderá dizer que não atravessamos um periodo de tremenda crise, avisinhando-se dos viticultores d'esta região os tempos difficeis que para o Douro já representaram a sua ruina e para nós representarão muito breve uma calamidade de tristes consequencias.

Em Penafiel está preza uma pobre mulher por não pagar 80 reis de congrua parochial!!!

Foi ordenado aos conselhos de agricultura dos diversos districtos a remessa mensal d'um boletim com as seguintes indicações:

- 1.º Estado geral da agricultura e acontecimentos notaveis que ocorrerem durante o mez;
- 2.º Metereologia agricola;
- 3.º Cultura dos cereaes, incluindo o arroz;
- 4.º Cultura de legumes, batatas e raizes, e outras culturas arvenses;
- 5.º Estado das vinhas;
- 6.º Estado das oliveiras;
- 7.º Estado dos pomares e arvores fructiferas, incluindo montados e soutos;
- 8.º Estado das hortas e de quaesquer culturas industriaes;
- 9.º Estado das culturas forraginosas;
- 10.º Estado das florestas;
- 11.º Preços dos salarios agricolas;
- 12.º Feiras e mercados;
- 13.º Consumo das carnes verdes e seus preços;
- 14.º Progressos de mechanica agricola;
- 15.º Animas nocivos á agricultura.

Desde que o governo progressista foi chamado ao poder, tem chovido as mercês em tanta abundancia, que essas honrarias em vez de serem um distintivo honroso, vão-se tornando ridiculas e funambulescas.

E o caso é que já uns quatro dos agraciados recusaram as vengeras para fugirem á celebre satyra, que agora mais de que nunca se pôde invocar com todo o rigor:—«Foge cão que te fazem barão...»

E' desolador o quadro que o jornal paraense *Colonia Portugueza*, dá das familias portuguezas que foram contratadas pelo governo provincial do Pará para fundar uma colonia. E' desolador, e uma ignominia para os nossos governos que consentem na mais descaradas das affrontas cuspidas a Portugal na pessoa dos infelizes que foram ludibriados.

As familias contratadas, chegadas que foram á capital d'aquella provincia brasileira, foram levadas em trem para o lugar designado, onde não havia casas, nem terreno proprio para cultura, e só mattas virgens, impregnadas de reptis de toda a especie.

O jornal do Pará dá ao quadro as seguintes cores:

«Na debandada que se effectuou no dia 10, em que *le premier venu*, levou creanças, mulheres ou homens sem compromisso algum, s. ex.ª, (o sr. consul portuguez), nem ao menos tinha um empregado para tomar notas do nome do engajador, se era iloneo, e estava no caso de tomar a si o colono e responder por elle.»

«A's nove horas do dia, houve uma especie de *leilão gratuito* onde cada um escolhia á sua vontade *creancinhas* com 16 annos, do sexo feminino!!! Ao meio dia, já terminado o *leilão*, os emigrantes haviam desaparecido!»

Que faz o governo portuguez á vista d'isto? Cousa nenhuma.

O tempo não lhe chega para se occupar d'estas bagatellas.

Suicidou-se, enforcando-se, o parcho da freguezia de Coitos de Cima, bispado de Vizeu. Os soffrimentos phisicos é que levaram o padre áquella allucinação fatal.

Já funcionam ha dias os novos pharoes do molhe de Felgueiras, na Foz do rio Douro, de S. Martinho do Porto, e o signal sonoro no Cabo Carvoeiro, junto do pharol de Peniche.

O primeiro tem a luz verde e com o alcance, em estado medio de transparencia atmospherica, de 6 milhas. Será dotado mais tarde de um signal sonoro.

O segundo fica situado ao norte de Santo Antonio, cerca de 3 kilometros da povoação de S. Martinho do Porto. A luz é branca e com o alcance, em estado medio de transparencia atmospherica, de 11 milhas, e em estado brumoso, de 6.

O signal sonoro no Cabo Carvoeiro é feito por uma trombeta de ar comprimido, systema Holmes. Funcionará nas occasiões de nevoeiro, produzindo sons de 8 a 10 segundos de duração, com intervallos de silencio de 30 segundos.

O motor, machina a vapor de 4 cavallos, o compressor de ar e um dos reservatorios, estão n'uma casa do edificio annexo ao pharol.

O outro reservatorio, a trombeta de palhetas e o pavilhão reflector, estão n'uma guarita de ferro de 30 metros, para O. do pharol.

Em Alemquer, n'uma festa que lá houve ha dias, o padralhão encarrgado da proverbial predica, vomitou do pulpito o seguinte:

«Victor Hugo disse: Abram-se escolas; cada uma escola que se abrir será uma cadeia que se fecha. Pois dá-se o contrario. Abrem-se novas escolas: cresce o numero dos presos nas cadeias!»

O vomito exhala miasmas repugnantes; mas o deposito que o ejaculou não é menos infecto.

Que grandissimo... padre.

Dizem de Lisboa para um jornal da provincia:

«Outro dia, um jornal inglez, noticiou que para Portugal haviam partido dois *agitadores socialistas*; um nosso collega referindo-se á folha ingleza, que é d'aquellas que recebem informações seguras, mofou da noticia.

Pois apesar de a primeira observação se não ligar importancia ao facto, ha hoje quem nos assegure, que é verdadeira.

Não são dois agitadores socialistas, mas sim dois espiões bismarkinos, que pelos modos estão encarregados de recolher infor-

mações correctas a respeito do partido republicano, e as suas relações com o exercito.

Não será certa a minha informação?

Tambem a não garanto, mas ella coincide com muitos factos que lhe dão auctoridade.

Por hoje não pretendo levantar demais a ponta d'este manto que me parece talhado para mais uma infamia governamental, no entanto reservo-a para ulterior commentario, e veremos se é ou não verdadeira.»

«Vão reunir-se os bispos da Alemanha, para celebrarem o abraço que o papa enviou ao principe de Bismark. Pensa-se em dar ao chanceler as honras de conego.»

Tambem não deixa de ter graça. Póde-se dizer com toda a propriedade— o diabo feito frade.

Bismark com honras de conego!... Vimos a noticia n'um jornal serio, e todavia desconfiamos que ella seja... canard.

Diz-se que brevemente sahirá, em portaria do ministerio da guerra, auctorisação para se poderem organizar nos corpos de infantaria sociedades cooperativas, devendo estas antes da sua installação apresentar os respectivos estatutos á approvação do mesmo ministerio.

A datar do 1.º de julho corrente e em conformidade com o disposto na lei de 26 de junho de 1883, devia principiar a ser cobrado em todas as alfandegas do continente do reino e ilhas adjacentes, o imposto especial de 0,66 por cento *ad valorem* de todas as mercadorias importadas de paizes estrangeiros e provincias ultramarinas, com excepção de tabaco, carvão de pedra coque e metaes preciosos amoadados ou em barra.

Um projecto importante foi apresentado á camara dos deputados franceza pelo ministro dos correios e telegraphos.

Consiste em que os jornaes sejam enviados para as estações do correio, sem cinta nem direcção, e sejam distribuidos pelos carteiros devendo as redacções enviar aos correios as relações dos seus assignantes, isto mediante o pagamento d'um pequeno sello.

O deputado brasileiro Severino Vieira, *leader* da maioria conservadora, propoz que o deputado só tivesse direito ao ordenado dos dias que comparecesse ás sessões.

Louvavel iniciativa. Se em Portugal ella fosse posta em vigor, os paes da patria não seriam tão remissos e tão mandriões.

As *Novidades*, de New York referem que ha poucos dias, uns caçadores acompanhados de dois geologos acamparam n'um despojado da parte sul do Estado de Kansas. Durante a noite cahiu um bolido junto d'elles, e de manhã acharam a terra profundamente escavada e ainda quente.

Poderam levar um pedaço do aereolito, e analisando-o viram com surpresa que continha 200 por 100 de ouro, 64 por 100 de ferro e o resto era cobre, nikel e outros metaes.

Uma expedição provida de feramentas e dynamite sahio em procura do bolido, cujo pezo é calculado em cinco toneladas, e deve conter uma tonelada de ouro.

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisados.

O nosso amigo sr. Augusto d'Oliveira estabeleceu no Porto, na rua de Cedofeita, 210, 1.º andar uma

AGENCIA CENTRAL

na qual aprontam papeis para casamentos, passaportes e passagens. Fazem-se memoriaes e requerimentos para todas as repartições publicas do reino; sollicitam-se documentos das mesmas; legalisação e expediente de cartas rogatorias para paizes estrangeiros, bem como o respectivo andamento quando regressam cumpridas; promovem-se averbamentos de quaesquer titulos de credito; encartes de empregos publicos ou officios e registos nas conservatorias. Tram-se negocios em todos os tribunales; tecursos do recrutamento; despachos na alfandega e caminho de ferro. Encarregam-se de traducções do hespanhol, francez e inglez, cobrança de dividas, foros e pensões, publicações d'annuncios, compras, vendas, pagamento de contribuições, e finalmente de qualquer negocio concernente a agencias d'esta ordem. Tudo por preços modicos com a maxima actividade.

A agencia resolveu igualmente encarregar-se de PERGUNTAS e RESPOSTAS.

Se algum individuo desejar orientar-se sobre negocio em pessoa no Porto, será satisfeito promptamente, mediante a retribuição de 500 reis, sendo a resposta dada pelo correio, ou 700 reis, sendo pelo telegrapho.

Estas quantias deverão acompanhar a pergunta, em sellos ou estampilhas do correio.

BIBLIOGRAPHIA

Historia da revolução portugueza de 1820. — Recebemos o 1.º fasciculo d'esta notavel edição portugueza, emprehendida pela Livraria portuense.

Chamamos a attenção para o respectivo annuncio.

Archivo Democratico. — E' uma serie de discursos de deputados republicanos, que principiou a ser editada pela Bibliotheca Democratica de Portugal e Brasil.

Recebemos as duas primeiras cadernetas, que agradecemos. Os discursos parlamentares de Rodrigues de Freitas coróam o principio da edição. Recomendamo-la ao publico que terá occasião de apreciar a excellencia da doutrina democratica.

Assigna-se em Lisboa, na rua dos Fanqueiros, 288.

Archivo dos municipios portuguezes. — Sahiu a 17.ª folha d'esta importante publicação. Com a presente folha termina a a descripção historica do municipio d'Agueda, e enceta a do de Aguiar da Beira.

Os pedidos d'assignatura devem ser dirigidos á empreza do Archivo dos municipios portuguezes, na travessa do convento de Jesus, Lisboa.

Republicas. — Sahiu o n.º 77 8.º da 3.ª serie).

Toda a correspondencia deve ser dirigida a A. Barros, rua Nova do Carmo, 90, 1.º—Lisboa.

O Pastelleiro de Madrigal. — Recebemos o fasciculo n.º 34. E' editora a Empreza Noites Romanticas.

Assigna-se em Lisboa, na rua d'Atalaya, 18.

Os milhões do criminoso. Recebemos o fasciculo 30 d'este esplendido romance editado pela empreza Serões Romanticos.

Assigna-se na rua da Cruz de Pau, 26—Lisboa.

A Illustração Portugueza. — Recebemos o n.º 50 do segundo anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

Publicações litterarias

NOVIDADE LITTERARIA

GUERRA JUNQUEIRO

A VELHICE DO PADRE ETERNO

Um bello volume em papel cartonado custa 15000 réis.

Pelo correio, registado, 15120 réis.

Pedidos aos editores

ALVARIM PIMENTA & LEITÃO

Rua de Santo Ildefonso, 394—Porto

Renovando n'este lugar o pedido que fazemos em circular dirigida a diversos cavalheiros, esperamos dever-lhe o reconhecimento de terem na maxima attenção o conteúdo da mesma circular.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

Explendida edição portuense, illustrada com 500 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4.º e illustrada com 500 gravuras, distribuidas em fasciculos semanaes de 32 paginas ao preço de 100 réis, pagos no acto da entrega.

A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

HISTORIA

DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com magnificos retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha e dos homens mais notaveis do seculo XIX.

GRANDE EDIÇÃO PATRIOTICA

Valiosos BRINDES a cada assignante, consistindo em 4 magnificos QUADROS compostos e executados por professores distinctos de Bellas Artes.

Os BRINDES distribuidos a cada assignante vender-se-hão avulsos por 50 mil réis.

A obra publica-se aos fasciculos, sendo um por mez. Cada fasciculo, grande formato, com 64 paginas custa apenas 240 réis sem mais despeza alguma.

No imperio do Brasil cada fasciculo 800 reis francos.

A obra é illustrada com notaveis retratos em numero superior a 40.

Esta collecção de retratos, rarissima, vende-se hoje, quando apparece, por 12 e 15 libras.

A obra completa, que comprehende 4 volumes grandes não ficará ao assignante por mais de 108000 reis fortes.

Já se distribuiu o 1.º e o 2.º fasciculo d'esta obra notavel pela belleza dos retratos, pelo esmero da edição e pela competencia e elevação com que é escripta pelo conhecido escriptor José d'Arriaga.

Está aberta a assignatura para esta notavel edição em todas as livrarias de Portugal e Brasil e na

LIVRARIA PORTUENSE DE LOPES & C.ª—EDITORES

RUA DO ALMADA, 123—PORTO

Recebem-se propostas para correspondentes em todo o paiz e no estrangeiro.

NOVO CODIGO ADMINISTRATIVO (Reforma administrativa)

A EMPREZA do «Parlamento» vae encetar brevemente a publicação d'esta utilissima obra, que depois da edição da folha official, é seguramente a primeira que se apresenta a publico.

Para este fim, as officinas typographicas augmentaram o quadro do seu pessoal com tão grande numero de operarios, que pode assegurar-se que a reforma administrativa levará apenas dois dias a transcrever do «Diario do Governo». Será, portanto, o primeiro codigo posto á venda, em todo o paiz.

A importancia d'um livro tão indispensavel a todos os cidadãos e a todas as repartições publicas, é por si só bastante recommendação para elle, n'esta oportunidade.

O novo Codigo Administrativo (reforma administrativa) que vae ser decretado proximoamente, dá um volume de perto de 180 paginas, formato grande, impresso em magnifico typo e bom papel. O seu preço para os srs. assignantes é de 500 rs. (franco de porte) e de 600 avulso. A assignatura acha-se desde já aberta só nos escriptorios da administração do jornal o «Parlamento», Aveiro, para onde devem ser dirigidos todos os pedidos d'assignaturas do novo codigo.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ESBOÇO DE CRITICA

OTHELLO

O MOURO DE VENEZA

DE WILLIAM SHAKESPEARE

Tragedia em 5 actos, traduzida para portuguez por

D. Luiz de Bragança

A' venda na Livraria Civilisação, de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

Preço, 300 réis; pelo correio, 320.

Typ. do «Povo de Aveiro» Rua da Alfandega, n.º 7

ANNUNCIOS

Venda de Carro

ACHA-SE á venda um phaeton novo na officina dos irmãos Gammellas, na rua do Sol, d'esta cidade.

CASA DE CAMPO

VENDE-SE uma em Verdemilho, nova e com bastantes commodidades. Tem quintal com arvores de fructo.

N'esta redacção se diz quem a vende.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorizada e privilegiada. E' um tonico reconstituente e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos: do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edozas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

GENEBRA—MOREIRA & C.ª

CHAMAMOS a attenção de todos os srs. consumidores para estas qualidades de genebra E' a mais barata, a mais estomacal e a melhor até hoje conhecida.

Tem acolhimento geral em todo o paiz, e foi premiada na ultima exposição de Lisboa.

Deposito: Todos os estabelecimentos de mercearia e muitos outros no Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) Mor.ª & C.ª, e a rolha com a firma (fac-simile) dos fabricantes.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorizado pelo governo, e approvado pela junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituente. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellentissimo «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envoltorios das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

BILHAR

VENDE-SE um, francez, de pau santo, em muito bom estado, com tacos, taqueira, trez bolas grandes, e cinco pequenas de jogar as russianas.

Quem pretender, n'esta redacção se diz.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitais. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

VIENNA (AUSTRIA)

QUASI DE GRAÇA!!!

42 PEÇAS formando um formoso serviço de me mesa por 38850 réis!! Por motivo de liquidação, é posta á venda, com o abatimento de 75 p. c., grande quantidade de prata Alfinide (Argeriterie Alfinide).

Por 38850 réis apenas representando sómente metade da mão d'obra, do que antes se vendia por 60 francos, enviaremos o seguinte serviço de mesa, de prata Alfinide, muito fino e duradouro:

- 6 formosas facas de mesa
6 garfos
6 colheres de sopa
6 bonitas colheres de chá
1 grande colher de terrina
1 grande colher de legumes
3 formosas oveiras massigas
2 chicanas para sobremesa
1 pimenteiro e assucareiro
1 formoso coador para chá
3 magnificos assucareiros
6 formosos apoios para facas

42 peças

BRANCURA GARANTIDA POR 10 ANNOS

Para receber os 42 objectos, formando um serviço completo de mesa, FRANCO, NO DOMICILIO em 9 ou 10 dias, dirigir ao Deposito geral das fabricas unidas de prata Alfinide, a M. RUNDBAKIN, li Hedwiggasse, 4, Vienna (Austria); remetendo adiantadamente 38850 réis por meio de ordem particular ou postal.

Devolve-se o dinheiro, caso a mercadoria não convenha, tendo n'este caso o destinatario de satisfazer despezas de cerca de 350 rs.

JOAO AUGUSTO DE SOUSA

COM OFFICINA DE SERRALHERIA EM AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO NESTA EXPOSIÇÃO E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 300 reis semanaes, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER,"

AVEIRO—75, Rua de Jesé Estevam, 9—7 (Pegado a Caixa Economica)